

UMA REDE PRESTISTA:

OS DIVERSOS FIOS DOS “FILHOS”
DA *CARTA AOS COMUNISTAS NO PDT*

Izabel Cristina Gomes da Costa¹

Em meio às lutas da transição no Brasil, um fenômeno político aparece pouco estudado no campo das Ciências Sociais: o prestismo. Fruto das disputas no interior do Partido Comunista Brasileiro (PCB), protagonizado no início dos anos 1980 pelo mais importante dirigente da história do comunismo brasileiro, Luiz Carlos Prestes, uma série de militantes reivindicava a herança política do Cavaleiro da Esperança. Após o retorno do exílio, atuando a plena carga na conjuntura nacional, Prestes e seus correligionários buscaram (isso nem sempre assumido formalmente) uma agremiação partidária que os acolhesse.

O comunista, por um lado, viu-se preterido pelas principais lideranças políticas daquela época – não encontrando abrigo oficial no Partido Democrático Trabalhista (PDT), no Partido dos Trabalhadores (PT) ou no Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Todavia, no interior delas, havia diversos militantes que os queriam em seus partidos. Reivindicavam sua história e se assumiam como prestistas. A partir dessa identidade, tiveram uma importante participação nos movimentos sociais – como a Central Única dos Trabalhadores (CUT), a Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro (Famerj) e o movimento estudantil – e nos partidos de oposição ao regime ditatorial.

Prestes se reinventa: A Carta aos Comunistas

Luiz Carlos Prestes convocou os militantes pecebistas a tomarem o destino do partido em suas mãos. É possível dizer que, após muitas décadas, ele também se tornara plenamente senhor de seu fado. Alçado à condição de mito pelo PCB depois de 1945, a epopeia da Coluna foi ressignificada pela organização por meio de uma leitura revolucionária e comunista². Líder incontestado, ele se tornara, ao mesmo tempo, prisioneiro da sua lenda. Dessa maneira, viveu boa parte de sua vida em uma situação singular: uma das principais figuras públicas da história do Brasil, desfrutou longos períodos de isolamento físico da realidade nacional, como poucos.

Do período do exílio após a marcha da Coluna aos dez anos de uma prisão incomunicável na época do Estado Novo, o Cavaleiro da Esperança também permaneceu na absoluta clandestinidade por cerca de uma década depois da decretação da ilegalidade do PCB, em 1948. Nesse ínterim, a sua representação mítica consolidara-se. Segundo Pandolfi, a ausência de Prestes tornara-o mais presente do que nunca³. Partindo para mais uma temporada de desterro, nos anos 1970, o dirigente operou importantes modificações nas suas análises sobre a estratégia revolucionária para o Brasil. Não rompeu com o marxismo-leninismo, mas se afastou da tradicional estratégia pecebista, a revolução nacional-democrática, da qual ele se tornara a maior expressão. Revia, assim, algumas bases do próprio mito. Nos anos 1980, a ruptura de Prestes com o PCB emitiu novos sinais para o fenômeno, reestruturando novas versões para o mito. Segundo Anita Prestes, sua filha e ex-dirigente pecebista, o rompimento estava em gestação desde a época do exílio. As divergências políticas com o Comitê Central cresciam. Novas leituras influenciaram redefinições estratégicas. Além das discordâncias teóricas e políticas, a convivência cotidiana desvelava a questão da sobrevivência para uma direção envelhecida⁴.

A ruptura aconteceu em março de 1980, com a divulgação da *Carta aos Comunistas*. Documento fundador, seu texto teve um impacto muito grande no interior do partido, abrindo publicamente, inclusive na grande mídia, as polêmicas e as diferenças entre Prestes e a maioria da direção. À frente do PCB por mais de três décadas, o dirigente assumia total responsabilidade pelos rumos da organização. As críticas eram severas e tornavam impossível sua permanência no interior do Comitê Central. Todavia, a partir delas, ele se assenhoreava de seu destino. E se reinventava. Não mais o guia do partido do povo, da revolução democrático-burguesa, da conciliação com a burguesia nacional; era a hora do Prestes radical.

Quais eram as principais divergências que fundamentavam a saída do mais importante comunista da história do Brasil? Havia dois eixos: primeiro, a atuação da direção pecebista na cena brasileira. Segundo, os problemas relacionados à organização partidária. A *Carta* fazia uma dura crítica à atuação do PCB: ele não exercia seu “papel de vanguarda”, estava ausente da vida política nacional, passivo e a reboque da burguesia⁵. No documento clandestino *Ecos à Carta de Prestes* as diferenças em torno da conjuntura mostravam-se muito nítidas. Respondendo à questão: “Quais as principais divergências entre Prestes e o atual Comitê Central do PCB?”, o texto elencava as controvérsias. Sobressaía a greve dos metalúrgicos do ABC, contrapondo o apoio e a solidariedade do ex-secretário-geral à oposição do PCB e de seu jornal, *Voz da Unidade*. A posição da direção expressava a adesão a uma visão de democracia “sem conteúdo de classe”, acreditando-se que, sem tensões, chegar-se-ia a ela. O PCB havia aberto mão de questionar a dominação capitalista, querendo apenas aperfeiçoar o sistema. No entanto, Prestes expressava a fidelidade ao marxismo-leninismo, defendendo uma democracia com conteúdo de classe, avaliando o período como de “acumulação de forças” para a revolução socialista.

A caracterização da ditadura militar e as ações para sua superação também dividiam o campo comunista. Para os dissidentes, a direção pecebista evitava empregar o termo “ditadura”, capitulando ao regime por meio de declarações que indicavam um “estender de mão” ao general João Figueiredo. Essa posição se confrontava com a de Prestes, na linha de frente da luta pela sua derrota. Enfim, a política do Comitê Central aceitava a hegemonia liberal. Nesse sentido, o texto repudiava as ações voltadas para a legalização do PCB que exprimissem uma conciliação com a ditadura⁶.

Paradoxalmente, na cena internacional, havia muitas convergências no interior daquele campo político. Apesar disso, o documento denunciava a existência de uma postura anticomunista no seio da direção. Havia um “antissovietismo envergonhado”, que se silenciava diante das comemorações do

110º aniversário de Lênin em todo o Movimento Comunista Internacional. Na verdade, o debate se dirigia aos expoentes do chamado “eurocomunismo”. As resoluções pecebistas em relação ao bloco comunista se coadunavam com as concepções dos prestistas, convergentes em casos como o do Afeganistão, quando ambos apoiaram a entrada soviética naquele país⁷.

Os problemas de organização partidária também apareciam como importante motivação na *Carta aos Comunistas*. Liderança máxima do PCB, Prestes responsabilizava-se pelos seus erros e deformações. Cabia, por isso, uma reavaliação pública, que o respaldava para tecer críticas a uma direção que se negava a fazê-lo. Mais do que isso, segundo a *Carta*, ela rejeitava qualquer julgamento, impondo as resoluções como um “dogma indiscutível”, confrontando-se com os divergentes, exigindo uma unidade partidária artificial. Convocando os comunistas a tomarem “os destinos em suas mãos”, os “métodos mandonistas” eram um grande estorvo do PCB⁸.

Em meio a críticas e autocríticas, o Cavaleiro da Esperança rompia com o documento emblemático do PCB. Entre as várias mutações operadas pelo Partidão, as inflexões realizadas nos anos 1950 adquiriram uma forte carga simbólica entre os comunistas. Na interpretação oficial, a Declaração de Março de 1958 tornara-se o marco da refundação pecebista, uma virada radical de sua política. O documento representava uma espécie de atestado democrático e antiestalinista, inaugurando uma nova fase, modernizante e comprometida com o eixo democrático, da via pacífica e das reformas.

Segundo Anita Prestes, nos anos 1980, os partidários da *Carta* rompiam com a perspectiva de que a Declaração significara uma mudança qualitativa. Sem perceber que ali se encontrava o início de uma crise, que explodiria muito mais tarde – “uma crise geral do Movimento Comunista Internacional, que naquele momento foi superada na URSS e no PCB, com a Declaração de Março de 58” –, a resolução expressava uma conciliação necessária para garantir a coesão e a sobrevivência do partido⁹. Assim, Prestes se reinventava. Principal figura pública dos sinais emitidos pela Declaração de 1958 na política nacional, ele retomava seu destino, reapropriando-se de convicções deixadas pelo caminho para garantir a integridade do partido da revolução brasileira.

As ressignificações da figura de Luiz Carlos Prestes

Nas páginas da grande imprensa brasileira, desenrolou-se publicamente a acirrada disputa entre Luiz Carlos Prestes e o Comitê Central do PCB pela palavra “comunista”, no início da década de 1980. A polêmica aumentava à

medida que ele conclamava os pecebistas à rebelião. A batalha envolvia também a imprensa partidária, numa luta pela legitimidade dos periódicos.

O ex-secretário-geral criticava a mudança de nome do jornal – de *Voz Operária* para *Voz da Unidade* –, uma decisão que, segundo ele, refletia claramente a postura da direção na conjuntura brasileira. A publicação histórica do PCB era relançada a partir do número 161, desferindo críticas ao núcleo dirigente, afirmando suas convicções. O *Voz Operária* transformava-se no canal político dos “comunistas organizados em torno das posições revolucionárias do secretário-geral Luiz Carlos Prestes”¹⁰.

O contra-ataque não foi menos aguerrido. Divulgado pela imprensa – “*PCB promete dar uma nova resposta a Prestes e não autoriza ‘Voz Operária’*” –, os porta-vozes do Comitê Central foram implacáveis: “*Jornal do PC acusa Prestes de querer um Partido para fazer a revolução que sonhou*”. No artigo do comunista Mario Pratti, ele era acusado de “stalinismo caboclo” e de querer dissolver o PCB numa “frente de todos os comunistas e marxistas-leninistas”¹¹. O relançamento do *Voz Operária* fora interpretado como um golpe e, apesar do seu passado revolucionário, os caminhos de ambos tomaram rumos diferentes, definidos desde 1956.

Essa disputa também desvelava as ressignificações em torno da figura de Luiz Carlos Prestes. De dirigente máximo do comunismo brasileiro, saudado como o guia da revolução nacional, um herói inquestionável, e comparado aos grandes revolucionários mundiais, para o PCB, a ruptura o tornara um proscrito. Nas interpretações dos principais dirigentes, ele representava a tradição caudilhesca do país e o culto à personalidade que, durante anos, assolara os partidos comunistas¹². Dessa forma, a disputa em torno da publicação do *Voz Operária* simbolizava as novas representações. Por um lado, o PCB da transição brasileira queria assinalar o compromisso com a unidade da frente democrática como o principal caminho para a transição no Brasil. Por outro, Prestes também relia as antigas simbologias. O mesmo jornal, veículo de divulgação das teses consagradas pela Declaração de 58, no final dos anos 1980, representava, contraditoriamente, o compromisso dos prestistas com o viés classista e radical, presente em seu nome.

A grande imprensa também incidiu sobre a imagem de Luiz Carlos Prestes. Simpático às articulações que geraram a Nova República, o *Jornal do Brasil* criticava a postura do ex-secretário-geral, imputando a esta uma “irrecuperável falta de visão política” renitente em sua trajetória. Prestes tinha uma história de luta e de abnegação, mas também de erros sucessivos. Errara quando não apoiara a Revolução de 1930. Equivocara-se quanto às avaliações que levaram à insurreição de 1935; ao apoiar o ditador Vargas no fim do Estado Novo; ao se alinhar, nos anos 1960, aos setores mais radicais.

Reincidia na mesma miopia ao definir Tancredo Neves como continuidade do regime militar¹³.

O prestismo não foi um fenômeno dos anos 1980. Na construção do mito, o PCB era o “partido de Prestes”. O culto à personalidade reproduzia uma característica presente no Movimento Comunista Internacional: na qual as principais lideranças dos PCs eram cultuadas em seus países, como o líder máximo, Josef Stalin.

Nos anos 1980, havia controvérsias quando o termo “prestismo” era utilizado. Para alguns, ele carregava uma conotação negativa e pejorativa, demarcando a permanência de valores condenáveis, como o personalismo, o caudilhismo, enfim, o “stalinismo”. Entretanto, para outros, “alinhados” ou “simpatizantes”, a trajetória do comunista demonstrava a coerência de um revolucionário e a combatividade que não havia sucumbido às pressões do sistema capitalista. Apesar de formalmente rejeitado, o termo foi incorporado por muitos comunistas de forma positiva. Combinando uma referência política, mas também pessoal, os “comunistas alinhados às posições revolucionárias de Luiz Carlos Prestes” se orgulhavam de serem seus correligionários.

Com o lançamento da *Carta aos Comunistas*, Prestes os conclamava a “tomarem o partido em suas mãos”. Um ato de rebeldia que suscitou o surgimento dos Comitês de Defesa do PCB, rompidos com a orientação e a disciplina do Comitê Central. Eles adquiriram nomes distintos pelo país. No Rio, o agrupamento mais próximo de Prestes reunia-se no escritório de Acácio Caldeira, no centro da cidade. Os comitês também integravam pecebistas que decidiram “lutar por dentro”. Denominavam-se “Articulação” e estavam presentes no Ceará, Santa Catarina, Espírito Santo e Rio de Janeiro (estado no qual houve grandes tensões com a “assessoria de Luiz Carlos Prestes”)¹⁴.

Apesar de romper com o PCB, o ex-secretário-geral não se propunha a liderar a formação de uma nova organização. Segundo um militante estudantil da época, Luís Augusto Leão, o racha causou um cataclismo entre os comunistas brasileiros, intimamente ligados à forte simbologia de Prestes. Muitos ficaram aturdidos. Seções, como as de Santa Catarina, perderam a maioria dos militantes¹⁵. A perplexidade foi maior quando perceberam que Prestes não propunha absolutamente nada. A ruptura criara um primeiro paradoxo. O principal comunista do país deixara o partido e sugeria que cada um fizesse seu caminho.

Todavia, o termo “prestista” permanecera no imaginário e na ação política de alguns comunistas, sendo reivindicado e empregado amplamente por eles. O que era ser prestista? Uma segunda contradição. O Cavaleiro da Esperança refutava o epíteto. Nunca participou das organizações que assim o reivindicavam. A conformação desses pequenos grupos comunistas após a

saída do PCB confrontava-se com a visão defendida pelo dirigente para aquela etapa da luta política no Brasil:

Apesar de a pressão ser fortíssima, e eu vivi isso junto com ele, [...] ele achava que as condições no Brasil não estavam maduras para isto, ele achava que não se organiza partido só porque um grupo quer, que para isso tem de haver um conjunto de condições; a esquerda no Brasil estava derrotada, esfacelada, e organizar partido comunista naquele momento não tinha futuro. Ia organizar um similar do PCB¹⁶.

A avaliação sobre as limitações existentes para a construção de um agrupamento comunista no Brasil dominava o pensamento de Prestes desde o retorno do exílio. Para ele, a sociedade brasileira era profundamente anti-comunista, dificultando a formação de uma organização com condições de interferência concreta na realidade. O momento era de acumular forças, derrotar a ditadura e participar da luta do povo brasileiro. Estudar o marxismo-leninismo para, no futuro, formar um verdadeiro partido comunista. Na sua visão, o PCB estava totalmente deteriorado. Prestes afirmava que a agremiação decairia ainda mais e acabaria desaparecendo¹⁷.

Apesar de rejeitar o epíteto *prestista* e de se recusar a participar da estruturação de um partido comunista no Brasil, os “comunistas alinhados” tinham uma organização em torno de Prestes. Nos anos 1980, alguns deles tentaram reorganizar o comunismo no Brasil, afastando-se do dirigente. Segundo Ragon, apesar de haver “prestistas e prestistas...”, o Coletivo Gregório Bezerra e a Reconstrução do Partido Comunista eram “grupos distintos que nasceram da mesma árvore, que foi o grupo que rompeu com o PCB”, identificados com a *Carta aos Comunistas*¹⁸.

Será que Luiz Carlos Prestes realmente refutava a identidade criada entre ele e diversos militantes comunistas? Tudo leva a crer que não. Provavelmente, uma leitura atual dos tempos passados. Apesar de não querer ser o polo agregador de um novo núcleo comunista, Prestes não pôde impedir a criação deles, com os quais mantinha uma relação de “guru”. Ninguém era obrigado a seguir suas posições. Ele próprio não possuía uma organização formal. Mas ele proferia orientações. No final das contas, “ser prestista” era segui-las?

Quem eram estes “comunistas alinhados às posições revolucionárias de Luiz Carlos Prestes”? Tecer a teia do prestismo não é tarefa fácil. Muitos se reconheciam como tal. Estavam dispersos em diversos partidos políticos. Outros não possuíam qualquer filiação partidária. O seu principal dirigente não participava de nenhum dos agrupamentos. Mas é possível identificar alguns fios que os uniam.

Um deles era o núcleo intimamente ligado ao ex-secretário-geral do PCB. Acompanhando suas posições, eles fizeram campanha, em 1982, para Eduardo Chuahy, Dornelas e Pereirinha. Eis alguns deles: Bolívar Meireles havia sido tenente do 2º batalhão de caçadores em Goiás, em 1964, e era sobrinho de um ex-militante tenentista. Ele fazia o “aquecimento” dos comícios, antes da fala de Prestes, anunciando-o sempre como o Cavaleiro da Esperança. Acácio Caldeira, seu secretário e advogado, conhecera-o em 1945, aos 13 anos de idade, quando a mãe o levava para ver sua libertação. Ele fazia as ligações do PDT com os prestistas. Antonio Oliveira Damasceno tornara-se comunista em 1936, após “apanhar” da polícia em piquetes na Light. Ele atuava na Penha e também se reconhecia como tal¹⁹. Luís Ragon, com referências comunistas na família, era um jovem militante nos anos 1980, e também foi secretário de Prestes. Completavam a lista nomes como os de Jacques Dornelas e Pereirinha. O que havia em comum nesse núcleo? Além da identidade política, originada nas lutas do período anterior a 1964, uma clara relação afetiva e pessoal.

Outro fio condutor leva-nos a militantes que consideravam central a organização de um partido comunista no Brasil. Diversos pecebistas, em litígio com a direção nacional, criaram os Comitês de Defesa do PCB, formando comissões provisórias. Inicialmente, elas pretendiam desautorizar a direção nacional do partido, colocando em prática uma linha política que eles consideravam combativa. Em 1981, o I Pleno da organização elegeu uma Comissão Provisória Nacional, visando articular todos os comunistas rompidos com o PCB, para que, juntos, construíssem um novo partido, um “partido verdadeiramente revolucionário”²⁰.

Nem todos, seguindo as posições de Prestes, embarcaram nessa proposta. Segundo o documento da Reconstrução do Partido Comunista (RPC), o dirigente se recusara a participar do encontro. Para ele, tratava-se de um “saco de gatos sem possibilidade de sucesso”²¹. Na verdade, nesse momento, já se evidenciava um racha entre os comunistas. E imensas contradições. Pois, se o Cavaleiro da Esperança não comparecia, isso não impedia a articulação de seus correligionários mais próximos com essas iniciativas. A presença conflituosa é visível. Identificados como “assessoria de Prestes”, prestistas da Bahia vetaram a presença da Articulação-RJ (núcleo futuro da RPC) na executiva da Coordenação Nacional Provisória de Defesa do PCB, em 1981, entendendo-a como uma “provocação” ao “Velho”. Mas como “provocação”, se ele se desvinculara do encontro? Também, em 1985, a Comissão Executiva Nacional da RPC relatava nova interferência dos “assessores” na expulsão dos pernambucanos da coordenação do Nordeste, alegando posições conflitantes no congresso da Central Única dos Trabalhadores²².

Dos Comitês de Defesa do PCB, no Rio de Janeiro, nasceram dois agrupamentos originados da *Carta aos Comunistas*. Mesmo que mantivessem contatos com o ex-secretário-geral, para Luís Elias Sanches, o termo “prestista” só tem validade, de fato, até 1982. O Coletivo Gregório Bezerra surgira, alguns anos depois, a partir da ruptura de um grupo, majoritariamente universitário, com o “Velho”. A crise escondia as divergências em relação à atuação organizada e aos esforços pela construção de um partido comunista²³. Mario Arthur Pardal, por exemplo, recorda-se da reunião no “aparelho”, em Santa Tereza, no dia da final do campeonato brasileiro entre Flamengo e Grêmio, quando Prestes comunicou ao grupo de universitários seu apoio ao PDT. No dia da convenção partidária, uma nova divergência: Prestes já havia apresentado a sua “lista” de candidatos às eleições de 1982. Esse fato abriu grande polêmica quanto aos métodos do dirigente. Os nomes apresentados não militavam em nenhuma Organização de Base (OBs). A forma de escolha, centralizada e personalizada, expressava descompromisso com a discussão coletiva²⁴.

Segundo Elias, atuando no PDT, especialmente na Juventude Socialista, devido à forte influência de Prestes, o agrupamento construiu um nome do setor estudantil para as eleições de vereadores e pretendia apoiá-lo. Era Carlos Vignoli, na época diretor da União Nacional dos Estudantes. Sem espaço, eles abriram mão do pleito. “Centralizados”, seguiram o comunicado do “Velho”. Todavia, nem tão “leninistas” assim, os jovens iniciaram uma disputa para “ganhar” alguns militantes que gravitavam em torno de Prestes. Por isso, decidiram fazer a campanha de Chuahy e Dornelas, mas não a de Pereirinha para a vereança. No seu lugar, integraram-se à campanha de Oliveira da Rocinha, um candidato petista, causando uma celeuma no interior do PDT, inclusive²⁵.

Dessa forma, em abril de 1983, em Xerém, o agrupamento realizava a primeira conferência estadual, criando o Coletivo Fluminense para a Construção do Partido Comunista (CFCPC). Na II Conferência Estadual, em janeiro de 1986, a junção de vários agrupamentos resultara na conformação do Coletivo Gregório Bezerra²⁶.

Dos Comitês de Defesa do PCB também se originou a Reconstrução do Partido Comunista. A RPC atuava nos Comitês, intitulando-se “Articulação-RJ”. Como já foi explicitado, havia outros agrupamentos desse tipo em outros estados brasileiros. Esta “fração” aglutinava comunistas que decidiram continuar lutando “por dentro do PCB”, confrontando-se com o Comitê Central. Mesmo após a ruptura, o grupo permaneceu atuando na clandestinidade. Nas eleições de 1982, apoiou Leonel Brizola para governador e elegeu, como deputado estadual, Afonso Celso, o Afonsinho. Em 1984, o grupo resolveu assumir uma imagem pública e atuar legalmente, organizando-se sob a forma de sociedade civil sem fins lucrativos, oficializando-se como Reconstrução.

Seus membros visavam desempenhar o papel de aglutinar, orientar e atuar na tarefa de reconstrução do comunismo com características revolucionárias²⁷.

Na visão de Mário Arthur Pardal, havia um conflito de gerações no seio do que, genericamente, chamou-se de prestismo. Ambas possuíam, como referência central, a *Carta aos Comunistas*, catalisadora de um senso de pertencimento comum, baseado numa conduta que divergia daquela imputada à direção do Partido Comunista Brasileiro. Entretanto, essas gerações se posicionavam de forma distinta diante da conjuntura e da liderança do Cavaleiro da Esperança. Segundo Pardal, para um conjunto de militantes, mais velhos, que saíra do partido junto com Prestes, ele era a referência pessoal inquestionável. A geração mais jovem, que moldara sua identidade a partir da luta contra a ditadura militar, refletindo os debates existentes no campo político das esquerdas, tentava se afastar do denominado “culto à personalidade”. Nos anos 1980, a força do prestismo estaria, então, na faixa etária mais moça que, no auge da militância, reivindicava um espaço político que reunisse os comunistas revolucionários e organizasse sua atuação nos bairros, sindicatos, escolas e universidades²⁸.

É possível dizer que o prestismo tornou-se um fenômeno político dos anos 1980, constituindo-se numa referência que ultrapassou as fronteiras partidárias. Na verdade, sobreviveu sem o esteio formal de um partido político. A morte de Luiz Carlos Prestes, no início dos anos 1990 (7 de março de 1990), não encerrou a relação com o mito. Até hoje, agrupamentos reivindicam sua herança política, recorrendo ao acontecimento fundador, a *Carta aos Comunistas*.

Observam-se essas referências em grupos como a Corrente Comunista Luiz Carlos Prestes (CCLCP). Fundada em 1992, a Corrente originou-se de agrupamentos de militantes que se assumiam como prestistas nos anos 1980. A sua história reivindica o legado do Cavaleiro da Esperança e dos “comunistas alinhados”. Ainda hoje, sua corrente estudantil mantém o nome conferido pelos jovens universitários naquela época, a Juventude Avançando²⁹. Os militantes que tiveram atuação mais próxima a Prestes, incluindo sua filha, dirigem também uma instituição que pretende manter acesa sua trajetória e concepções políticas, atuando como depositários dessa memória³⁰.

Dessa forma, como um fenômeno ainda vivo, em pleno processo de reinterpretações e apropriações, após mais de vinte anos de sua morte, a imagem de Luiz Carlos Prestes está enredada em diversas batalhas da memória. Tais combates se relacionam não apenas à autoridade sobre sua herança política, envolvendo controvérsias no interior de sua família. Uma polêmica recente foi protagonizada pela *Revista de História*, da Biblioteca Nacional, que publicou, na primeira edição do ano de 2012, um dossiê com documentos e

fotos inéditas do “Velho”. Na capa, sua foto numa praia em trajes de banho. Apesar de autorizada pela viúva, Maria Prestes, a publicação provocou protestos de diversos comunistas, como da própria filha, Anita: um “flagrante desrespeito à sua vontade e à sua memória”. Segundo ela, essa operação visava, sobretudo, reconstituir para o grande público o perfil de um homem comum e inofensivo às classes dominantes brasileiras³¹.

Hoje, também, os dois mais importantes partidos comunistas do Brasil, PCdoB e PCB, atualizam sua identidade política se reapropriando dessa simbologia e inserindo-a, de forma positiva, nos seus trajetos históricos. Desde o VIII Congresso, de 1992, o PCdoB revisita o legado de Prestes, tecendo-lhe homenagens e citando-o em diversas publicações³². O PCB, refundado, também resgata essa identidade e se considera herdeiro do Cavaleiro da Esperança³³.

O capital político de Prestes na transição brasileira: o prestismo e o PDT

Embora estivesse fora do PCB e sem dirigir nenhum outro partido, Luiz Carlos Prestes não viveu um ostracismo político na década de 1980. A sua figura mítica congregava militantes, intelectuais e simpatizantes que, ao mesmo tempo, possuíam a referência geral no comunismo, e divergiam das orientações do Partidão. Com mais de 80 anos, Prestes viajou o Brasil inteiro, divulgando suas ideias. E havia em torno dele um agrupamento que comungava das mesmas posições políticas. O *Jornal do Brasil* destacava que, apesar de não ter uma formalidade legal, era um grupo que, sob seu comando, tinha a “força de um partido”³⁴.

Entretanto, não era um partido político. E, nos anos 1980, a transição se orientava pelo ritmo das eleições no processo de recomposição dos agrupamentos políticos nacionais³⁵. Embora o discurso de muitos militantes criticasse as “eleições burguesas”, estas cumpriram importante papel de fortalecimento de diversas organizações de esquerda no Brasil. Além da atuação nos movimentos sociais, elas precisavam escolher um partido que fosse o estuário dessa participação, canalizando eleitoralmente o trabalho realizado no cotidiano. Cabia também aos *prestistas* se integrarem a alguma agremiação partidária. A opção não foi uniforme e foi permeada por elementos regionais. Havia correligionários e simpatizantes no PMDB, no PT, principalmente em São Paulo, e inclusive participando da reorganização do Partido Socialista Brasileiro (PSB), no Rio Grande do Sul. Geralmente, a tática empregada era o entrismo³⁶.

No Rio de Janeiro, o cenário regional e as relações estabelecidas no pré-1964 definiram a entrada no PDT de grande parte dos prestistas. Nas pri-

meiras eleições após a anistia, em 1982, Prestes indicou o apoio àqueles que poderiam contribuir para o avanço da luta contra a ditadura militar. Dessa forma, fecharam-se diversas alianças com o PMDB pelo país. Mas o Rio de Janeiro era um caso ímpar. O PMDB aí era Chagas Freitas. Posicionando-se ao lado das forças oposicionistas, no estado a discussão tomava contornos diferentes. A oposição se encontrava fragmentada e seu principal representante tinha uma “hegemonia à direita” depois da fusão com o Partido Popular, esvaziando o seu caráter dissidente e de luta contra o regime. Logo, a tarefa era derrotar a ditadura e o chaguismo, superando o dilema “Sandra ou Miro”³⁷.

As ligações históricas entre Prestes e Brizola também influenciaram a aproximação entre trabalhistas e comunistas. O PCB, nos anos 1960, caminhou junto com Brizola na Frente de Mobilização Nacional. Avaliado nos anos 1980 como a liderança mais aguerrida do pré-1964, juntamente com Prestes, as suas ações políticas angariavam a simpatia de muitos militantes das esquerdas brasileiras na transição.

Se o caráter do PMDB contribuiu para o apoio dos prestistas ao PDT, não menos importante foi a disputa direta com o Partido Comunista Brasileiro, aliado do primeiro. Aquele era o momento para pôr em questão as opções políticas desse Partido. E os periódicos evidenciaram esse importante aspecto dos confrontos entre os comunistas: “*Prestes usa PDT para derrotar Giocondo*”³⁸. Fazendo do novo trabalhismo um instrumento para desafiar o Comitê Central, Prestes havia triunfado. Além da eleição de diversos nomes de sua chapa, o PCB não conseguira eleger nenhum de seus candidatos.

Durante o ano de 1982, Luiz Carlos Prestes enviou, através da grande imprensa, vários sinais que indicavam seu apoio ao PDT nas eleições estaduais daquele ano. Leonel Brizola não refutava as mensagens e retornava com declarações de simpatia, afirmando que ele expressava uma “esquerda autêntica”. O trabalhista, conhecido, na época, por suas posições anticomunistas, também readequava o discurso: “seria uma atitude inconsequente quando nós próprios sofremos, em 1964, os efeitos desse tipo de campanha”. Apontava os avanços dos regimes comunistas do ponto de vista social, mas fazia uma profissão de fé ao socialismo “indissolúvelmente ligado ao conceito de liberdade”³⁹.

Essas movimentações evidenciavam a importância simbólica da figura de Prestes para a consolidação da candidatura de Leonel Brizola na cena estadual. Além de lutar contra candidatos ligados ao chaguismo e à ditadura militar, ele também precisava cimentar os seus votos à esquerda. O capital político de Prestes conferia a Brizola a legitimidade necessária para torná-lo o principal nome das esquerdas no Rio de Janeiro. As declarações do dirigente comunista expressavam também a aproximação em curso entre os trabalhis-

tas e os prestistas. Muitos deles já estavam no interior do PDT, aspecto que se materializaria na chapa para as eleições daquele ano.

Assim, restava a escolha entre petistas e trabalhistas. O PT não tinha expressão política no estado, além da conhecida hostilidade aos comunistas. Mas sobre o PDT: “Então Prestes achou que no Rio de Janeiro era importante apoiar Brizola. Não tanto pelo PDT, mas pelo que Brizola representava naquele momento”. Apesar de polêmico, na avaliação de Luís Ragon, ele era um patriota, o único governador que nacionalizara uma multinacional. Enfim, era um combatente da ditadura. O seu governo seria um avanço para o desenvolvimento do movimento popular e democrático⁴⁰.

Definido o apoio a Brizola, diversos comunistas já integravam o Partido Democrático Trabalhista. A opção pela agremiação consolidou-se com o lançamento do documento na convenção pedetista (com a marca LCP, em vermelho, indicando também “leite, carne e pão”). Com o *slogan* “Contra a fome e a carestia”, os prestistas apoiavam Brizola e lançavam uma chapa, convocando os trabalhadores a votarem nos “candidatos de Luiz Carlos Prestes”⁴¹.

Os principais nomes apoiados pelo Cavaleiro da Esperança no Rio foram; Jacques Dornelas, para deputado federal; Eduardo Chuahy, para deputado estadual; e Antonio Pereira da Silva, o Pereirinha, para vereador. As escolhas refletiam bem as conexões com a herança do pré-1964. Na prática, o apoio de Prestes se estendeu para outros candidatos. Houve também alianças com Bocayuva Cunha e Afonso Celso, para deputado federal e estadual, respectivamente. Candidatos como o professor Emir Amed e Silas Ayres foram identificados com a chapa prestista. Além deles, a “lista” se espalhava para os municípios de Niterói, São Gonçalo, Macaé, Nova Iguaçu, São João de Meriti, Duque de Caxias, Teresópolis, Nilópolis e Magé, elegendo-se muitos desses nomes. No estado fluminense, todos saíram pela legenda trabalhista. Os prestistas também fizeram uma campanha política ativa para Brizola, com panfletagem, comícios e venda de bônus de campanha⁴².

Mas que significados podem ser percebidos neste processo de reapropriações de heranças? Assim como nos anos 1940, o imaginário relacionado à liderança de Prestes funcionava como elemento catalisador de seu capital político. Apesar da década de 1980 não ser mais um “tempo forte” para o dirigente comunista, também não era um tempo tão fraco. A identificação com o seu nome remetia à construção do pós-guerra, também um momento de abertura política. Naquela época, muitos candidatos foram eleitos para a Assembleia Constituinte como os “deputados de Prestes”⁴³.

O segundo significado esteve correlacionado à capacidade de os prestistas manterem o mito aceso. Ele soube muito bem combinar seu capital político aos de seus candidatos. Afinal, eles se originavam de histórias ligadas

ao pré-1964 e de trabalhos realizados em bases populares associativas. Não menos importante, o suporte de toda essa vitória foi a votação estrondosa, em 1982, que delegou a maioria dos votos do estado do Rio de Janeiro ao Partido Democrático Trabalhista.

No interior da agremiação fluminense, havia uma série de prestistas – comunistas e também trabalhistas. Nos governos do PDT, muitas homenagens foram feitas ao Cavaleiro da Esperança. Em destaque, o projeto do vereador Emir Amed, que previa a concessão de uma pensão vitalícia para Prestes e que chegou a ser concedida pelo prefeito Saturnino Braga, em meio a uma grave crise financeira e às inúmeras greves do funcionalismo municipal. O dirigente comunista, todavia, rejeitou a proposição⁴⁴.

As disputas no interior dos governos pedetistas também envolviam a figura de Prestes. O *Jornal do Brasil* ressaltava os conflitos entre seus correligionários e o prefeito Marcello Alencar, à espera do encontro entre Brizola e o ex-secretário-geral. Os embates se relacionavam a reivindicações políticas não atendidas. Nomes apoiados por Prestes ainda não haviam sido nomeados – como Carlos Menezes, na área de transportes – ou foram exonerados – como o diretor da fundação Lar Escola São Francisco de Paula, Luiz Henrique Ferreira – pelo secretário de desenvolvimento social, Pedro Porfírio⁴⁵.

Difundira-se, assim, uma convicção de que Prestes era do Partido Democrático Trabalhista. Filiado, realmente. Para incrementar o “boato”, ele se tornara o presidente de honra da agremiação. Nas batalhas da memória, esse é um dos temas “quentes”, “polêmicos”. No relato de Anita Prestes, ele nunca fora pedetista ou brizolista. Nem sequer quisera entrar para qualquer partido político naquela época⁴⁶. Todavia, a grande imprensa divulgava conversas e negociações envolvendo sua entrada no PT e no PDT. Tais fatos ocorreram no período das eleições de 1982 e de 1986⁴⁷.

Com a presença de muitos prestistas no PDT, a identificação entre Prestes e o trabalhismo fora uma operação realizada com sucesso. No relato de diversos militantes existia, e permanece ainda hoje, a convicção de que ele integrara efetivamente o partido. E isso se tornou um dos pontos mais polêmicos na trajetória do comunista. Especialmente o episódio de sua escolha como presidente de honra da agremiação. Essa condição é veementemente refutada por Anita Prestes:

O Prestes nunca quis entrar no PDT, nem nunca aceitou entrar no PDT. O que houve foi uma homenagem do PDT ao Prestes, que o elegeu, enfim, o nomeou presidente de honra do PDT. Ele nunca ingressou no PDT, as pessoas fazem muita confusão. Nunca ingressou. Inclusive ele aceitou como homenagem. Sem nenhum compromisso. Ele nunca teve nenhum compromisso

com o PDT, nem mesmo com Brizola. Não era compromisso, apenas apoiou o Brizola nas eleições⁴⁸.

A história da escolha de Luiz Carlos Prestes é recontada por Luís Ragon:

O presidente do PDT na época, Leonel Brizola, chama Luiz Carlos Prestes para a mesa. [...] Então, de forma brincalhona, pega uma ficha de filiação do PDT, [...] dizendo – “temos a honra...”, “... o senador Luiz Carlos Prestes não assinaria a ficha?...”, – mas sabendo que o Prestes nunca assinaria. Então, em tom de brincadeira, ele falou – “o senador não precisa assinar ficha, não. [...] Mas esse congresso tem de decidir, vamos decidir por aclamação: o senador Luiz Carlos Prestes é o presidente de honra do PDT”. E o plenário vai abaixo, todo mundo de pé, gritando o nome do Prestes [...]. O Prestes nunca assinou nenhuma ficha do Partido Democrático Trabalhista, nunca assinou a ficha de filiação de nenhum partido a não ser do Partido Comunista Brasileiro. Então o Prestes discursa, agradece. E o Prestes morre em 7 de março de 1990 nesta condição, de presidente de honra do PDT⁴⁹.

Para Ragon, a presidência de honra conferida a Prestes pode ser entendida como uma homenagem de Brizola, mas, principalmente de sua militância, que nutria grande carinho pelo comunista e se identificava com muitas das suas posições políticas. Todavia, por que Prestes não recusou a homenagem? Apenas “cortesia”? Embora não reconhecida oficialmente, a trajetória de Prestes e do PDT permaneceram próximas durante toda a década de 1980. O dirigente comunista confiou o seu voto ao partido em todas as eleições ocorridas naquele período.

A relação dos prestistas com o PDT seguia a lógica do entrismo. Ao não considerarem o PDT como um partido estratégico, eles atuavam sob seu guarda-chuva sem ter como norte a sua construção política. Formalmente filiados, resguardavam identidade própria, expressa publicamente. Ressaltando esta relação política, o relato de Luís Ragon destacava a não participação dos prestistas no Congresso de Mendes, em janeiro de 1983. Segundo ele, esse era um debate que pertencia àqueles que estiveram em Portugal, no encontro de Lisboa, como Teotônio dos Santos, Rui Mauro Marini e outros. Era o debate daqueles que pretendiam disputar a hegemonia sobre o PDT⁵⁰.

Se a influência dos prestistas não alcançava a elaboração dos estatutos e das linhas programáticas do novo trabalhismo, a sua presença significativa em determinados segmentos do partido surpreendia. Organizando-se por áreas de atuação, a agremiação denominava-os de “movimentos partidários”. Desde a fundação, o estatuto pedetista previa a estruturação nos planos mu-

nicipal, estadual e nacional dos movimentos sindical, de mulheres, de negros, de educação, de aposentados, verde, comunitário e de Juventude Socialista⁵¹.

É importante assinalar os diferentes graus de incorporação ao PDT dos prestistas. Por exemplo, ao contrário do Coletivo Gregório Bezerra e do Coletivo Luiz Carlos Prestes, a RPC claramente elaborava política para uma intervenção no interior do trabalhismo, analisando sua relação mútua diversos documentos internos. Definindo-se como “comunistas que desenvolviam uma política de alianças com o PDT e Brizola”, o agrupamento se abrigava na sigla não apenas em períodos eleitorais. Ele também participava de diversas administrações pedetistas, avaliando como “*muito positiva*” a experiência conjunta de trabalho. Outro momento importante ocorreu com o envolvimento da corrente no debate sobre a candidatura a governador do partido, posicionando-se ao lado do nome de Darcy Ribeiro, que representava os setores progressistas no confronto com Collagrossi⁵².

Os diversos prestistas atuaram ativamente na cena política brasileira. Estudando o caso do Rio de Janeiro, observa-se sua presença na criação da CUT, em diversas entidades do movimento estudantil e na Famerj, conferindo, inclusive, grande visibilidade para o PDT nos dois primeiros segmentos.

O depoimento do ex-presidente do Sindicato dos Bancários, Ronald Barata, assinala a importância deles na organização do setor sindical do partido. Ele também integrava o grupo de comunistas mais próximos de Luiz Carlos Prestes⁵³. Participando ativamente dos movimentos sociais do estado fluminense, a primeira secretaria sindical pedetista possuía grande influência comunista. O seu primeiro presidente foi o próprio Ronald Barata. Esse movimento partidário desenvolvera uma intensa vida orgânica. Reunia-se semanalmente, realizava cursos de formação com o auxílio da Fundação Alberto Pasqualini. Assim, criaram sete coordenadorias regionais em localidades como Campos, Nova Friburgo, Baixada Fluminense e Niterói.

Na acirrada disputa pela hegemonia do movimento dos trabalhadores no transcorrer dos anos 1980, os prestistas interferiram na definição do PDT em favor da Central Única dos Trabalhadores, deliberação aprovada num congresso da agremiação. E se tornaram, no Rio de Janeiro, a voz dos trabalhistas na CUT. O agrupamento adquiriu alguma expressão nacional. Diversos sindicalistas, identificados com as ideias de Prestes, fundaram a Central e compuseram a direção nacional: Maria José Aragão, do Maranhão; José Ferreira Alencar, do Ceará; Pereirinha e Gilvan Ribeiro, do Rio de Janeiro; Luís Carlos Pinheiro Machado, do Rio Grande do Sul⁵⁴.

Na CUT-RJ a influência era mais significativa. Sérgio Rayol destacava a atuação da RPC no movimento sindical de médicos e de bancários no PDT, tendo cerca de um terço do último setor. Na primeira diretoria cutista, os

prestistas eram a maioria da direção executiva, com cinco dos sete membros⁵⁵. O CGB também desenvolvera um importante trabalho na CUT, e o secretário-geral da entidade, no final dos anos 1980, era do grupo, Maurício Pencack. Além da frente sindical, alguns militantes priorizavam a organização do setor rural⁵⁶.

Na visão de Barata, havia no PDT uma boa relação entre comunistas e trabalhistas. Eram respeitados e Prestes, muito querido. O ponto nevrálgico dessa relação, e dos conflitos, localizava-se nos constantes embates e hostilidades entre a CUT, o PT e o governo Brizola. Eles se tornaram o alvo de muitas críticas nas reuniões pedetistas. Na CUT, entretanto, apesar da convergência para muitas políticas e ações na conjuntura nacional, eram discriminados. Muitos desistiram da atuação na entidade. Outros, como os militantes da RPC e do CGB, permaneceram por lá⁵⁷.

No movimento estudantil, a corrente de muitos prestistas denominava-se Avançando⁵⁸. Segundo Luís Augusto Borges, o agrupamento foi organizado para o congresso da UNE de Piracicaba, em 1982, aglutinando vários comitês existentes no Brasil. Universitários como Carlos Vignoli e Geraldo Barbosa compuseram a diretoria da entidade. Nesse segmento, prestistas e trabalhistas foram mais do que aliados. Segundo Ragon, em vários congressos da UNE, a corrente Avançando chegara a ser maioria no interior da Juventude Socialista (JS), que era muito incipiente. Assim, muitos companheiros do PDT eram eleitos com os votos da bancada comunista⁵⁹.

Vários depoimentos, como o de Luís Elias Sanches, também ressaltavam a influência dos comunistas no movimento de juventude pedetista. Segundo Sanches, o termo “trabalhista”, que aparecia na nomenclatura original, havia sido modificado para “socialista” devido à pressão dos prestistas. Especialmente o CGB (que mesmo após a ruptura com Prestes continuara atuando no interior do partido), chegou a ser majoritário na Juventude Socialista, com bases estudantis e jovens dos movimentos de bairro. Essa realidade Zacabava gerando uma relação conflituosa com os demais pedetistas, pois havia disputa de espaço político pelo perfil da juventude trabalhista⁶⁰.

No movimento popular, os prestistas também participaram da Federação das Associações de Moradores do Rio de Janeiro (Famerj), atuando em comunidades como Maré, Vidigal, Jacarezinho, Irajá, Copacabana, Andaraí e Santa Teresa. Esses trabalhos se ligavam também a uma atuação partidária.

O CGB, por exemplo, tinha importante atuação no movimento popular, sob a denominação de “Poder Popular”. Eles chegaram a disputar a presidência da Famerj, lançando o militante Beto Cacau, pelo PDT, contra Chico Alencar⁶¹.

Uma rede prestista: uma visão política convergente na cena brasileira

Luiz Carlos Prestes e os diversos comunistas da *Carta* partilharam de muitos pontos em comum na conjuntura brasileira da década de 1980, embora, formalmente, não se reunissem de maneira unificada com sua principal referência política. Apesar da desconfiança em relação às eleições, elas assumiram importante papel nas lutas desenvolvidas no país. Prestes percebeu, no primeiro pleito após a anistia, a possibilidade de contribuir para a organização das massas populares contra a ditadura militar. Para ele, elas não estavam suficientemente conscientizadas para entender um boicote eleitoral. Mas a participação abria a possibilidade da denúncia das condições do país, esclarecendo as massas e acumulando forças, usando o espaço político “*sem ilusões*” para impor derrotas parciais ao regime⁶².

Dessa forma, no transcorrer dos anos 1980, os prestistas atuaram ativamente nas eleições e produziram política sobre os principais temas nacionais. Além da intervenção no pleito para governador do Rio de Janeiro, em 1982, conforme já apresentado, os prestistas cariocas defenderam posições que ora os aproximavam do PDT, ora do PT.

Com a derrota da Emenda Dante de Oliveira no Congresso Nacional, que previa a convocação de eleições diretas para a presidência da República no Brasil, a discussão sobre a participação no colégio eleitoral, que elegeria o sucessor do general João Figueiredo, aqueceu o debate no seio da oposição brasileira. O assunto desvelava os diferentes posicionamentos diante da transição. O PDT optou pela ida ao colégio eleitoral, votando em Tancredo Neves. O PT decidiu pelo boicote, orientando seus deputados a não legitimarem aquele processo. Embora não se tratasse de uma organização de tipo leninista, com centralização, a resposta da direção petista foi a expulsão dos parlamentares dissidentes do quadro partidário.

Entre os prestistas, a polêmica também causou estragos. Com uma posição semelhante à dos petistas, Luiz Carlos Prestes orientava “seus” deputados a não participarem do evento. Eles deveriam denunciar a farsa do colégio eleitoral, apoiando firmemente, como única alternativa, as eleições diretas para presidente da República⁶³.

Dois deputados seguiram a deliberação pedetista. Eduardo Chuahy integrava a “lista”, mas era, antes de tudo, um trabalhista histórico. Jacques Dornelas, ao contrário, era reconhecido como militante prestista, com campanha pessoal feita pelo ex-secretário-geral. Dessa forma, não havendo um agrupamento formalizado, a sinalização indicativa do rompimento das relações políticas acontecera por meio de notas e declarações à imprensa: “*Prestes já repu-*

dia deputados apoiados”. O dirigente se desvencilhava das atitudes futuras dos parlamentares que haviam votado “contrários aos princípios por que luto”⁶⁴.

A argumentação do deputado federal Dornelas expressava as visões divergentes em relação à participação no trabalhismo. Ele lançara uma nota na qual reafirmava a oposição àquele procedimento indireto e o seu engajamento na luta pelas “Diretas”. Todavia, entre a orientação de Prestes, um indivíduo, e a do PDT, um coletivo, ele fizera uma escolha que o afastara do dirigente comunista⁶⁵.

Descomprometendo-se com aquele processo, a atuação dos prestistas nos movimentos sociais demarcara-se por uma oposição frontal à Nova República, aproximando-os das ações políticas do PT – “*Prestes critica PC, condena Nova República e elogia o PT*”. Mas também do PDT que, apesar do voto em 1985, constituíra-se num dos pilares de oposição ao governo Sarney, condenando, por exemplo, o “pacto social da Nova República”⁶⁶.

As eleições presidenciais em 1989 dividiram os prestistas. Segundo Anita Prestes, os correligionários de São Paulo, militantes no PT, afastaram-se de Prestes após sua declaração de apoio a Leonel Brizola⁶⁷. O dirigente defendia o “voto de confiança a Brizola para a presidência”. Dos nomes de maior projeção nacional, era ele quem mais havia dado “provas de coragem e de honestidade com o povo brasileiro”. Por isso tinha melhores condições de postular a presidência da República. Entre essas “provas”, a sua postura diante do Plano Cruzado⁶⁸.

Dispersos em diversas organizações e partidos, todavia, no campo do Movimento Comunista Internacional, a grande referência era o marxismo-leninismo. Embora estivessem rompidos com o PCB, que permaneceu como o principal interlocutor da URSS no Brasil, o socialismo soviético não deixara de ser o “farol” desses comunistas. Eles reivindicavam o legado da Revolução Russa de 1917 e o modelo soviético, defendendo suas políticas na cena internacional. Entre muitos exemplos, ressalta-se o caso da Polônia, que Prestes avaliou como uma tentativa de defender o socialismo naquele país⁶⁹.

Quando as reformas foram introduzidas na pátria-mãe do socialismo, os prestistas partilharam das análises favoráveis a elas, caracterizando a *Perestroika* e a *Glasnost* como o caminho para a renovação do socialismo. Antigos militantes assinalam as contradições vivenciadas com a abertura da crise do comunismo no final do século. Alinhados ao modelo soviético, comungavam das análises que vaticinavam a progressiva evolução do sistema, inclusive sob a liderança de Leonid Brejnev, época que, mais tarde, tornou-se negativamente conhecida como a “era da estagnação”⁷⁰. As controvérsias avolumaram-se quando, mantendo-se em consonância com os acontecimentos na URSS, eles precisaram reconhecer determinados problemas no desenvolvimento do país, anteriormente ignorados⁷¹.

Se o PCB vivenciou sua mais dramática crise no final dos anos 1980, chegando à dissolução política, os diversos agrupamentos originados do prestismo não tiveram destino mais alvissareiro. Estas organizações experimentaram crises de diferentes matrizes: disputas político-eleitorais envolvendo o controle de mandatos parlamentares; uma crise de identidade demarcada pela perspectiva de uma ação própria ou de integração a alguma agremiação partidária; uma crise ideológica causada pelo colapso do modelo do comunismo soviético; um esgotamento e uma crise da perspectiva militante, depois de mais de uma década de dedicação (no caso de alguns, em tempo integral) ao projeto revolucionário.

Primeiras conclusões: os diversos “filhos” da *Carta aos Comunistas* no PDT

Ao contrário da imagem difundida, de um líder ultrapassado, as avaliações de Prestes e dos prestistas não se mostraram equivocadas na conjuntura brasileira dos anos 1980. Diferente dos PCs (no caso do PCdoB, até as resoluções do VII Congresso, em 1988), as suas posições os aproximaram das linhas políticas dos movimentos contestatórios que emergiam no Brasil. Eles apostaram no sucesso de Leonel Brizola nas eleições para governador do Rio de Janeiro, em 1982; alinharam-se aos opositores da Nova República, optaram pela participação na CUT. E acertaram politicamente.

Em meio à profunda crise do PCB, colheram alguns resultados que não foram tão pífios. Prestes emprestara seu capital político para a campanha de diversos candidatos a deputados e vereadores (a sua “lista” tornara-se maior do que os três primeiros candidatos anunciados). Mais: ele conseguiu difundir a ideia de que seu prestígio fora fundamental para a eleição de diversos candidatos no estado do Rio de Janeiro. Contribuíra para consolidar o novo trabalhismo de Leonel Brizola como um legítimo representante das esquerdas fluminenses.

A partir desse capital político, de quem era reconhecido como o mais importante líder revolucionário da história do Brasil, os comunistas que se insurgiram contra a direção do PCB depositaram no mito a referência central de sua identidade revolucionária. O PCB aparecia, aos olhos de diversos militantes dos movimentos sociais brasileiros, como um partido “traidor” ou “a reboque” dos setores liberais. Os prestistas, apesar da ortodoxia em relação ao comunismo soviético, representaram, nessa releitura, o comunismo combativo e consequente.

Diversos comunistas, chamados genericamente de prestistas, desempenharam importante papel nos movimentos sociais fluminenses. Atuaram

ativamente na construção da Central Única dos Trabalhadores. Na juventude trabalhista, obtiveram uma força política significativa. Participaram da Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro. Essas ações, contudo, estavam imersas em paradoxos. O prestismo foi um fenômeno cuja figura emblemática se negava a liderar a conformação de uma nova organização comunista. Mais do que o “alinhamento” previsto na autointitulação inicial dos dissidentes pecebistas, mas impossibilitado de ocorrer porque significava seguir as decisões apenas comunicadas pela sua liderança maior, o prestismo tornou-se, em oposição ao PCB, um símbolo da postura “combativa” e “revolucionária”.

No interior do campo político da cultura comunista, difundia-se um duplo sentido. Ele significava o compromisso do comunismo brasileiro com a causa revolucionária, com o marxismo-leninismo, exemplificado pela trajetória de seu líder. Era o representante de uma “ortodoxia”. Porém, também não deixava de ser “heterodoxo”, ao defender uma nova estratégia revolucionária para o país, rompendo com a tradicional concepção nacional-democrática do “Partidão”.

O fenômeno ultrapassara, inclusive, as organizações que se originaram da *Carta aos Comunistas*. A simbologia do mito ia além dos agrupamentos. O termo adquirira fluidez. Não havia um controle exato sobre quem era prestista. Dispersos nos movimentos sociais, não havia uma organização oficial do prestismo. Só Luiz Carlos Prestes falava por ele próprio, embora muitos afirmassem que falavam em seu nome!

A relação política entre os comunistas da *Carta* não era pacífica. Além das divergências em relação ao principal líder – na verdade, uma crítica que demonstrava o desejo de construir o partido revolucionário com a mais importante personalidade do comunismo brasileiro –, as organizações também desenvolviam uma relação demarcada pela disputa⁷².

O prestismo e o brizolismo se encontraram no PDT. E essa confluência contribuiu para anular as tentativas do regime militar de apagar o passado anterior a 1964. As lideranças de Leonel Brizola e de Luiz Carlos Prestes expressavam o fio de continuidade que permanecera na memória popular. Afinal, cada um, em sua proporção, ambos tiveram sucesso no seio de uma população extremamente jovem. E este fio da história ligava-os a uma trajetória que seria marcada pela combatividade e coerência. Muitos dirigentes políticos se engajaram na tentativa de integrar, num mesmo partido, os dois principais líderes dos anos 1960⁷³.

Apesar de pouco reivindicado pelos entrevistados, é possível perceber bandeiras comuns entre os prestistas e o novo trabalhismo. O socialismo moreno era peremptoriamente refutado, pois eles se identificavam com o

comunismo de tipo soviético. Entretanto, o papel de Leonel Brizola na história do país era o elemento central de aproximação com os trabalhistas. Ele representava um trabalhismo combativo, de esquerda, forjado no movimento nacional-revolucionário.

A tradição nacionalista e anti-imperialista também era outro importante fator: “o pessoal que se aglutinou no PDT era muito esquerdista, nacionalista, trabalhista. Era um pessoal aguerrido”. Muitos também se identificavam com a tática propugnada pelo pedetismo para a conjuntura brasileira, inspirada nas concepções de trabalhistas como Theotonio dos Santos e Rui Mauro Marini. Parafraseando o livro do primeiro – *O caminho da revolução brasileira* –, o CGB, por exemplo, estabelecia a necessidade de constituição de uma frente popular na luta contra a Nova República. Esse governo cumpriria uma etapa de transição ainda marcada por uma aliança entre segmentos de classes: “A Frente Popular deve ter um programa de claro conteúdo antimonopolista, anti-imperialista e antilatifundiário”⁷⁴.

As reformas implantadas pelo governo do PDT também eram reivindicadas como exemplo. Esse argumento havia sido utilizado por Prestes para justificar seu apoio à candidatura de Brizola a presidente, e também se apresentava nos balanços realizados pela Reconstrução do Partido Comunista. A organização destacava as mudanças comportamentais das polícias no Rio, a centralidade da educação com os Cieps, a encampação de ônibus, a política de eletrificação e de assistência aos posseiros das áreas rurais e a denúncia incisiva em relação ao Plano Cruzado⁷⁵.

No interior do PDT, os relatos confirmam que a presença de grupos comunistas não “incomodava” a maioria do partido. Mas as pressões existiam. A cada eleição, havia um temor de que a agremiação não lhes concederia legenda. Certos pedetistas condenavam a dupla militância – vista pelos comunistas como “manobras dos grupos hegemônicos para forçar as facções minoritárias a acatar as suas propostas políticas”. Todavia, primavam as boas relações políticas entre as personalidades do PDT e os prestistas. Um militante da RPC assinalava as vaias recebidas pelo assessor de comunicação de Brizola, Fernando Britto, ao ler o relatório sobre a dupla militância. Segundo ele, figuras como César Maia e o próprio líder, Leonel Brizola, cultivavam a presença dos comunistas no seio do trabalhismo como uma forma de legitimação do trabalhismo no campo das esquerdas⁷⁶.

À medida que as candidaturas apresentavam-se cada vez mais com perfil pedetista, as críticas no interior dos grupos prestistas aumentavam. O documento da RPC, de balanço das eleições para vereador, demonstrava essa crise: os seus candidatos precisavam apresentar-se publicamente como comunistas. O CGB também vivenciou as contradições do entrismo. Logo após

as eleições de 1986, uma disputa política em torno do controle do mandato do deputado estadual Carlos Vignoli resultou na demissão de toda a equipe cegebista e posterior expulsão deste da corrente⁷⁷.

Esses agrupamentos não resistiram à crise do socialismo. Com o colapso do comunismo soviético, a maioria dos militantes adentrou em uma profunda crise política, muitas vezes pessoal, reavaliando a trajetória traçada até aquele momento.

A partir do estudo dos prestistas no novo trabalhismo, é possível lançar luzes sobre a intrincada relação existente em seu interior. Desvelando uma agremiação bastante complexa, ultrapassam-se, assim, as caracterizações que intentam definir o PDT, nos anos 1980, como um partido monolítico, preso ao caudilhismo, exemplo de uma relação inorgânica entre o líder carismático e as massas populares.

RESUMO

Explorando a pluralidade política existente no Novo Trabalhismo, representado pelo PDT, o texto trata da relação, ainda pouco investigada, entre trabalhistas e comunistas. Dessa forma, o artigo apresenta a trajetória de ex-pecebistas que se reconheciam como “os comunistas alinhados às posições revolucionárias de Luiz Carlos Prestes”; comumente denominados “prestistas”. Em destaque: as imagens produzidas sobre e por Luiz Carlos Prestes; a importância do capital político do dirigente comunista para a consolidação do trabalhismo como um autêntico representante das esquerdas brasileiras, num momento de acirrada concorrência no PT; a influência de tais agrupamentos comunistas no PDT. Por fim, as interseções entre tais concepções no que se referia ao projeto de transformações para o Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Luiz Carlos Prestes; Partido Democrático Trabalhista (PDT); comunistas; projeto.

A “prestista” network: various strands of the “children” by the Letter to the Communists.

ABSTRACT

Exploring the political plurality in New Labour/Novo Trabalhismo, represented by PDT, the text analyzes the relationship, still poorly investigated, between labor and communists. The article presents the trajectory of ex-militants who recognized him as “Communists aligned with the Luiz Carlos Prestes’s revolutionaries positions”, commonly called “prestistas.” The text discusses the images produced about Luiz Carlos Prestes; the importance of the political capital of communist leader for the consolidation of PDT as an authentic representative of the Brazilian left; the influence of these communists groups

on the PDT. Finally, the intersections between these concepts and transformation project in Brazil.

KEYWORDS

Luiz Carlos Prestes; PDT; communists; project.

NOTAS

¹ Doutora em História pela UFF, defendendo a tese *Em busca do paradigma perdido: as esquerdas brasileiras e a crise do socialismo real*, e estágio pós-doutoral no CPDOC-FGV, no qual desenvolveu a pesquisa que originou o presente artigo. Professora da rede pública municipal e da Ucam. Integra atualmente os grupos de pesquisa do CNPq Culturas Políticas e Processos de Democratização, da FGV, e Direito e Sociedade, da Ucam. Contato da autora: izacris68@oi.com.br.

² Dialogando com as análises de Raoul Girardet e de Mircea Eliade sobre a elaboração dos mitos e as relações mantidas pelos homens com uma determinada concepção de sagrado, mesmo no campo político comunista, Jorge Ferreira analisa a construção mítica de Luiz Carlos Prestes pelo PCB no período pós-1945, compreendendo o mito como uma “narrativa de um evento exemplar”. Ver: FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: Eduff; Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

³ PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros*. História e memória do PCB. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fundação Roberto Marinho, 1995, p. 135.

⁴ PRESTES, Anita. Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 2007. Para outras referências sobre o PCB, ver: KONDER, Leandro. *A democracia e os comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1980; PANDOLFI, Dulce. A trajetória de Luiz Carlos Prestes. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Org.). *As esquerdas no Brasil*. Revolução e democracia. 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, v. 3; SANTANA, Marco Aurélio. *Homens partidos: comunistas e sindicatos no Brasil*. São Paulo; Rio de Janeiro: Boitempo; Unirio, 2001; SANTANA, Marco Aurélio; ANTUNES, Ricardo. “O PCB, os trabalhadores e o sindicalismo na história recente do Brasil”. In: RIDENTI, Marcelo; REIS Filho, Daniel Aarão (Org.). *História do marxismo no Brasil*. Partidos e movimentos após os anos 1960. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, v. 6; SANTOS, Raimundo. *A primeira renovação pecebista: reflexos do XX Congresso do PCUS no PCB (1956-1957)*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988; _____. “Crise e pensamento moderno no PCB dos anos 50”. In: REIS FILHO, Daniel Aarão (Org.). *História do marxismo no Brasil*. O impacto das revoluções. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, v. 1; _____. *O pecebismo inconcluso*. Escritos sobre ideias políticas. Rio de Janeiro: Sociedade do Livro; Editora Universidade Rural, 1992.

⁵ PRESTES, Luiz Carlos. *Carta aos Comunistas*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980. Disponível em: <<http://www.ilcp.org.br>>. Acesso em: 20 maio 2012.

⁶ PRESTES, Anita (colaboração: Luiz Carlos Prestes). “A que heranças os comunistas devem renunciar?” *Revista Oitenta*, Porto Alegre, n. 1, p. 197-223, nov. 1980. Disponível em: <<http://www.ilcp.org.br>>. Acesso em: 20 maio 2012.

⁷ “Ecos à Carta de Prestes” era um documento de circulação clandestina, lançado por Prestes em abril de 1980, logo após a divulgação da *Carta aos Comunistas*. Ver: *Ecos à Carta de Prestes*. Maio de 1980. Disponível em: <<http://www.ilcp.org.br>>. Acesso em: 20 maio 2012.

⁸ PRESTES, L. C. *Op. cit.*, 1980.

⁹ PRESTES, A. *Op. cit.*, 2007.

¹⁰ Segundo Luís Augusto Leão, militante do setor estudantil, o *Voz Operária* expressava as posições de Prestes e de seus correligionários mais próximos. Ele não funcionava como uma publicação de resoluções discutidas em grupo. LEÃO, Luís Augusto B. de. Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 2012.

¹¹ *Jornal do Brasil*, 3/10/1980, s/p. e 29/9/1980, 1º caderno, respectivamente.

¹² Uma alternativa democrática para a crise brasileira. *Novos Rumos*, p. 212, 1984. *apud* PANDOLFI, D. *Op. cit.*, p. 221.

¹³ *Jornal do Brasil*, 21/1/1985, s/p.

¹⁴ Na eleição da executiva da Comissão Provisória Nacional, em 1981, por exemplo, os comunistas que representavam Prestes opuseram-se à inclusão da Articulação-RJ na executiva da organização, considerando a proposta uma provocação ao ex-secretário-geral do PCB. Ver: RPC. *A Reconstrução Nacional e a Unidade da Esquerda*. In: AMORJ. Rio de Janeiro, s/d, p. 1. [Coleção Reconstrução do PCB (RPC)].

¹⁵ LEÃO, L. A. *Op. cit.*, 2012.

¹⁶ PRESTES, A. *Op. cit.*, 2007.

¹⁷ RAGON, Luís. Entrevista à autora, Rio de Janeiro, 2011.

¹⁸ *Idem*.

¹⁹ *Jornal do Brasil*, 27/10/1985, p. 7.

²⁰ AMORJ. Coleção Coletivo Gregório Bezerra (CGB). *Apresentação*.

²¹ RECONSTRUÇÃO do Partido Comunista. s/d, p. 1.

²² Comissão Executiva RPC. Relatório. RJ, s/d, p. 1. In: AMORJ, Coleção Reconstrução do PCB (RPC).

²³ SANCHES, Luís Elias. Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 2012.

²⁴ SAMPAIO, Mario Arthur Pardal. Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 2012.

²⁵ SANCHES, L. E. *Op. cit.*, 2012.

²⁶ AMORJ. Coleção Coletivo Gregório Bezerra (CGB).

²⁷ AMORJ. Coleção Reconstrução do Partido Comunista Brasileiro (RPC). *Apresentação*.

²⁸ SAMPAIO, M. A. P. *Op. cit.*, 2012.

²⁹ Disponível em: <<http://www.cclcp.org>>. Acesso em: 20 maio 2012.

³⁰ Disponível em: <<http://www.ilcp.org.br>>. Acesso em: 19 maio 2012.

³¹ PRESTES, Anita. Luiz Carlos Prestes: a banalização da imagem de um revolucionário pelos grandes meios de comunicação. *Brasil de Fato*, n. 463, 2012.

³² É o caso, por exemplo, das referências e homenagens a Prestes nos programas televisivos do PC do B em comemoração aos 90 anos do partido. A agremiação também veicula um abaixo-assinado que propõe a anulação da decisão do Senado Federal que, em 1948, cassou o mandato do então senador Luiz Carlos Prestes. Disponível em: <<http://www.pcdob.org.br>>. Acesso em: 20 maio 2012.

³³ Declaração do dirigente do PCB, Ivan Pinheiro, no seminário sobre os 90 Anos do PCB, entre os dias 20 e 25 de maio de 2012, no Rio de Janeiro.

³⁴ *Jornal do Brasil*, 27/10/1985, p. 7.

³⁵ Bolívar Lamounier destaca a especificidade da transição brasileira, definindo-a como uma “abertura através de eleições”, em que tais pleitos funcionaram como um “termômetro” das crescentes pressões sociais em curso desde o final dos anos 1970. LAMOUNIER, Bolívar. *Partidos e utopias: o Brasil no limiar dos anos 90*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 38.

³⁶ O entrismo é uma política historicamente utilizada por organizações de esquerda que definem uma atuação “por dentro” de um partido, muitas vezes de massas, para tentar dirigi-lo ou se beneficiar de sua grande influência social.

³⁷ *Voz Operária*, n. 180, p. 2, maio 1982.

³⁸ *Jornal do Brasil*, 25/11/1982, s/p.

³⁹ *Jornal do Brasil*, 7/9/1982, s/p., e *Jornal do Brasil*, 7/9/1982, s/p., respectivamente.

⁴⁰ RAGON. L. *Op. cit.*, 2011.

⁴¹ PRESTES, Luiz Carlos. *Op. cit.*, 1982. p. 1, 3.

⁴² *Jornal do Brasil*, 23/10/82, s/p., e *Tribuna da Imprensa*, 24/10/1982, p. 3.

⁴³ Trabalhando o conceito de Raoul Girardet, no qual o mito funciona como um elemento mobilizador e modelador de uma identidade, a historiadora Dulce Pandolfi define a atuação do PCB e de sua maior liderança, Luiz Carlos Prestes, nos anos 1940, como um “tempo forte”, o de maior projeção conseguida pelo partido na sua história. Esta também fora a época “de ouro do Cavaleiro da Esperança”. PANDOLFI, D. *Op. cit.*, p. 127-129.

⁴⁴ PRESTES, Luiz Carlos. Declaração. Texto datilografado. RJ, 14/6/1987.

⁴⁵ *Jornal do Brasil*, 14/1/1989, s/p.

⁴⁶ PRESTES, A. *Op. cit.*, 2007.

- ⁴⁷ Nas eleições de 1986, com caráter constituinte, cogitava-se a possibilidade da disputa de Prestes pelo PDT a deputado federal. Ver: *Jornal do Brasil*, 29/5/1985, s/p.
- ⁴⁸ PRESTES, A. *Op. cit.*, 2007.
- ⁴⁹ RAGON, L. *Op. cit.*, 2011.
- ⁵⁰ RAGON, L. *Op. cit.*, 2011.
- ⁵¹ “Estatuto”. In: PDT. *Cartas, programa, estatuto, artigos e textos*. Rio de Janeiro: PDT, 2006. p. 68, volume único.
- ⁵² Comitê Estadual do RPC. *Reconstrução do PC apoia os candidatos do PDT*. Rio de Janeiro: s.c.p., 1988, p. 9. In: AMORJ, coleção RPC.
- ⁵³ Em seu depoimento, Barata relata que nunca fora organicamente vinculado a Prestes. Mas também não participara dos agrupamentos denominados RPC e CGB. Quando convidado, muitas vezes por Pereirinha ou Acácio Caldeira, ele se reunia com os prestistas na casa do dirigente comunista, na Rua das Acácias. Entrevista com BARATA, Ronald. Entrevista à autora, 2012.
- ⁵⁴ RAGON, L. *Op. cit.*, 2011.
- ⁵⁵ RAYOL, Sérgio. Entrevista à autora, Rio de Janeiro, 2008.
- ⁵⁶ SANCHES, L. E. *Op. cit.*, 2012.
- ⁵⁷ BARATA, R. *Op. cit.*, 2012.
- ⁵⁸ A juventude Avançando até hoje atua no movimento estudantil, desenvolvendo seu principal trabalho em Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.jcabrasil.org>>. Acesso em: 20 maio 2012.
- ⁵⁹ Respectivamente, LEÃO, L. A. *Op. cit.*, 2012 e RAGON, L. *Op. cit.*, 2011.
- ⁶⁰ SANCHES, L. E. *Op. cit.*, 2012.
- ⁶¹ RAGON, L. *Op. cit.*, 2011; SANCHES, L. E. *Op. cit.*, 2012.
- ⁶² *Voz Operária*, n. 180, p. 3, maio 1982.
- ⁶³ RAGON, L. *Op. cit.*, 2011.
- ⁶⁴ *Tribuna da Imprensa*, 17/1/1985, p. 3 e 5.
- ⁶⁵ *Jornal do Brasil*, 24/1/1985, s/p.
- ⁶⁶ *Gazeta do Povo*, Curitiba, 16/5/1985, s/p, e *O Dia*, Teresina, 11/4/1985, s/p, respectivamente.
- ⁶⁷ PRESTES, A. *Op. cit.*, 2007.
- ⁶⁸ *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 18/1/1989, s/p.
- ⁶⁹ *Jornal do Brasil*, 5/1/1982, s/p.
- ⁷⁰ Em 1982, Prestes destacava a morte de Brejnev como “um grande golpe para o povo soviético e para todos os amantes da paz”. *Folha de S.Paulo*, 12/11/1982, s/p.

⁷¹ SAMPAIO, M. A. P. *Op. cit.*, 2012.

⁷² Segundo Elias Sanches, havia uma difícil convivência em determinados segmentos, como no setor têxtil, na fábrica Bangu, e no movimento comunitário. SANCHES, L. E. *Op. cit.*, 2012.

⁷³ SANTOS, Theotonio dos. Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 2008.

⁷⁴ Respectivamente, PENCACK, Maurício. Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 2008; e COLETIVO GREGÓRIO BEZERRA. *Resoluções da 2ª Conferência Estadual*. Rio de Janeiro: s/ed., 1987, p. 99.

⁷⁵ C.E. RPC. Reconstrução do PC apoia os candidatos do PDT. Rio de Janeiro, 15/10/1988, p. 10.

⁷⁶ ANTONIO JOSÉ; JEREMIAS. Um equívoco grave e desastroso. Rio de Janeiro, 1988.

⁷⁷ Respectivamente, C.E. RPC. Rio de Janeiro, 12/12/1988, s/p.; Documento do CGB, 1986, s/p.